



A força da diáspora cabo-verdiana: Dos fluxos emigratórios ao comércio transnacional

*Vinícius Venancio**

* Bacharel em Antropologia, Licenciando em Ciências Sociais e Mestrando em Antropologia Social, todos pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisador do Laboratório de Estudos em Etnologia em Contextos Africanos (ECO A). vini.venancio2@gmail.com.

Resumo: O presente artigo pretende, à luz das práticas comerciais tecidas em torno dos fluxos migratórios que emergem do arquipélago de Cabo Verde, compreender a centralidade da noção de circulação para os cabo-verdianos, em especial na vida das mulheres de lá que buscam e recebem produtos em e de outros países para revender em Mindelo, principal cidade da ilha de São Vicente. Para atingir tal compreensão, será traçado um caminho que passa pela revisão do conceito de diáspora e sua aplicação no caso cabo-verdiano, para, assim, compreender a força que mobiliza os habitantes do arquipélago a estarem sempre em movimento, representado, aqui, por meio do comércio transnacional.

Palavras-chave: diáspora cabo-verdiana; mulheres; comércio transnacional.

Considerações iniciais

Parece ser quase impossível falar sobre Cabo Verde sem mencionar, mesmo que brevemente, os fluxos migratórios que perpassam o arquipélago. A maior prova desse fenômeno são os estudos sobre o país, que, mesmo que não tenham a emigração enquanto principal tema, acabam esbarrando nela em algum momento.¹ Esse é, também, o caso do meu objeto de estudo. Na tentativa de compreender os fluxos comerciais transnacionais desenvolvidos por mulheres cabo-verdianas na ilha de São Vicente, acabei percebendo a centralidade da emigração para o desenvolvimento dessa atividade econômica.

¹ São alguns exemplos de trabalhos que versam, direta ou indiretamente, sobre o tema Braz Dias (2000), Defrayne (2016), Fortes (2016) Laurent (2016), Lobo (2014) e Trajano Filho (2005; 2016).

Para dar conta da confluência desses dois mundos – o comércio transnacional e as práticas emigratórias – na vida comercial mindelense, o presente artigo se dividirá em duas partes. Na primeira, será realizada uma revisão acerca da noção de diáspora e sua adequação ao caso cabo-verdiano, seguida pela análise da força exercida pela diáspora cabo-verdiana no cotidiano de quem permanece no país.

Na segunda sessão, a fim de ilustrar essa situação, apresentarei as histórias de três comerciantes com quem mantive diálogo durante a realização do meu trabalho de campo. Uma em que a emigração foi bem-sucedida, outra em que houve uma sequência de tentativas de emigração que falharam e, por último, um caso em que, embora a comerciante não tivesse emigrado até o momento, a emigração de familiares era crucial para a continuidade do seu negócio. Os dados apresentados ao longo desse trabalho foram obtidos durante a pesquisa de campo realizada na cidade de Mindelo, na ilha de São Vicente, entre os meses de janeiro e março de 2017.²

² O trabalho de campo não teria sido realizado sem o apoio financeiro prestado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal, a partir do projeto

Diáspora: um conceito antropológico

É inegável que a publicação de “A Imigração ou os paradoxos da alteridade”, o livro já clássico do argelino Abdelmalek Sayad (1998), é tido como um marco nos estudos de migrações, possibilitando a consolidação de uma agenda de pesquisa sobre o tema dentro das diferentes áreas das humanidades. É importante pontuar, também, que desde a sua primeira publicação, em 1991, novas visões sobre o ser migrante foram apresentadas, indo além da postulada por Sayad, que via o imigrante sobretudo enquanto uma força de trabalho provisória (1998, p.54).

Entre as proposições apresentadas por Sayad, uma das mais criticadas foi a ideia de dupla ausência que os e/imigrantes causariam, que ocorreria tanto no local de partida quanto no de chegada. Dentre os seus críticos, uma corrente específica vem, desde o final da década de 1990, suscitando o debate acerca dos múltiplos pertencimentos e identidades que os imigrantes podem adquirir, os teóricos da noção de diáspora.

“Formas familiares em um mundo de mobilidades: gênero, infância, juventude e identidades em contextos migratórios”, coordenado pela professora Andréa Lobo.

Como na maior parte dos conceitos dentro das ciências sociais, não há um consenso acerca do que podemos entender por diáspora. Stuart Hall (2005; 2009), um dos principais pesquisadores da temática, compreende os imigrantes enquanto portadores de múltiplas identidades, que vão para além do trabalho, estando vinculados a diversas localidades, que não precisam se restringir, necessariamente, aos locais de partida e chegada. Em seu texto “Pensando a Diáspora”, Hall (2009) critica fortemente a noção de perda da identidade devido ao deslocamento que a migração causaria, fomentando a ideia de que, na diáspora, as identidades são múltiplas. Retomando o mito de origem da noção de diáspora, no qual os filhos de Israel, após fugirem do Egito, acabam se espalhando pelo mundo, Hall aponta que não podemos reduzir apenas aos judeus ao papel de povo diaspórico, uma vez que, se fizermos isso, seremos obrigados a criar um termo sociológico para cada evento específico. Por isso, a diáspora judia pode ser vista como tipo ideal no sentido weberiano do termo, não como a única forma de diáspora e parâmetro para se medir as demais.

Para o autor, uma das principais características da diáspora é a esperança pelo retorno, mesmo que ele nunca se concretize,

característica essa compartilhada por outros autores, como Clifford (1999). Hall aponta a diáspora como resultado do processo colonizador europeu porque ele vê a pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidade enquanto legados do Império que podem forçar as pessoas a migrar. Esse processo causaria o espalhamento das populações outrora subjugadas – a dispersão (Hall, 2009: 28, 31).

Em confluência com o debate apresentado por Hall, James Clifford (1999) argumenta que uma das principais funções das diásporas é conectar “comunidades múltiplas de uma população dispersa” (1999:302), que fazem usos dos meios de comunicação para reduzirem as distâncias. Ainda em seu apanhado teórico, Clifford vai definir a diáspora enquanto “redes dispersas de povos que compartilham experiências históricas comuns de deslocamento, adaptação, etc” (1999:310).

Bebendo da fonte de Gilroy (2001) em sua argumentação sobre os fluxos negros que cortaram o Atlântico nos últimos séculos, Clifford ainda aponta para a diáspora negra e seus fatores constitutivos, como o tráfico transatlântico de escravizados, a escravidão nas colônias americanas, assim como o sistema racista de

exploração da mão-de-obra (p. 322). Esses fatores apresentados formam uma estrutura de dominação, cuja compreensão faz-se necessária quando se tenta compreender os fluxos de gente que ocorrem pelo globo terrestre, especialmente os que partem do Sul em direção ao Norte global.

Para além dos fluxos de gente, Hall (2009) aponta que a diáspora, dentro da lógica colonial e como resultado da mesma, fomenta o processo de criouliização das culturas, onde os elementos vindos dos centros são ressignificados ao modo dos habitantes das periferias globais, em um processo de retrofertilização das culturas. Nesse sentido, Gilroy (2001) aponta que com a dualidade de formação causada pelos processos de criouliização, algumas sociedades faziam questão de não focar apenas na origem europeia, mas também na africana, que possibilitaria a formação de um duplo olhar, mesmo que as ideias de nação e nacionalismo gerem um inclusivismo cultural, que é bem menos inclusivo e muito mais assimilacionista.

Assim, compreendida a noção que Clifford e Hall possuem do conceito de diáspora, partamos para um dos países do atlântico negro que muito foi (e ainda é) impactado pelo fenômeno da

diáspora: Cabo Verde. Tendo em vista a discussão aqui levantada, poderemos compreender o impacto da diáspora cabo-verdiana para o funcionamento do país e para a estruturação das famílias que lá vivem.

***Mas, se ca bado, ca ta birado*³: uma breve reflexão sobre os impactos da diáspora cabo-verdiana**

Apontar Cabo Verde enquanto um país de diáspora não é um equívoco, uma vez que os fluxos emigratórios do país se encaixam em todas as características postuladas pelos autores supracitados. Ainda, se bem observarmos, os primeiros trabalhos acerca dos fluxos migratórios do país tiveram como base teórica as pesquisas realizadas nas sociedades afro-americanas e diaspóricas caribenhas (BRAZ DIAS, 2000; LOBO, 2014), mesmo ponto de partida de Hall (2009), tendo em vista que a formação de ambos é marcada pela diáspora africana atlântica (GILROY, 2001) e processos de criouliização cultural (cf. TRAJANO FILHO, 2018).

³ Trecho da “Morna de Despedida”, de Eugénio Tavares, que, em tradução livre, significa “Mas, se não partir, não há como regressar”.

A força da diáspora cabo-verdiana pode ser compreendida por uma série de fatores. Seus fluxos se iniciam devido à sua posição geográfica estratégica marcada pela insularidade que possibilitou a triangulação entre os três continentes banhados pelo Atlântico – África, América e Europa –, o que tornou Cabo Verde ponto central na rota transatlântica do tráfico negreiro por ser o “último ponto de parada possível na rota entre Europa e América do Sul” (BRAZ DIAS, 2004, p. 96). Foi a mesma triangulação que possibilitou o início de parte dos fluxos emigratórios, como no caso dos cabo-verdianos que partiram para países como Estados Unidos nos conveses dos navios baleeiros, além das tradicionais rotas para Portugal e São Tomé e Príncipe, este último devido ao projeto colonial português de *plantations*.

Com as suas levas emigratórias que datam desde o final do século XIX, atualmente é um país onde o principal produto de “exportação” é a mão-de-obra, uma vez que se estima que o país conte com a mesma quantidade de cabo-verdianos espalhados pelas ilhas e além-mar, estimativa esta que estava próxima de 518.180

emigrados no ano de 1998.⁴ Para se ter uma noção do impacto da emigração para a vida do país, apenas em 2008 as remessas de emigrantes para o país representaram 10 bilhões de escudos a mais circulando na economia do país, que corresponde à aproximadamente 10% do PIB nacional (INE, s.d.) (OIM, 2010).

A força da diáspora, assim, se faz presente de diferentes formas na vida do cabo-verdiano. O impacto na vida de quem fica é bem explicitado pelo antropólogo português João Vasconcelos (2012) que, através de suas pesquisas locadas na ilha de São Vicente, percebeu que o desejo de sair da ilha – e consequentemente do país – faz parte da identidade dos sanvicentinos, que, ao migrarem, teriam na *sodade* a contraposição desse desejo. Para quem vai, a constituição de redes e família no estrangeiro, além de outros fatores, acabam por retardar ou inviabilizar o retorno, o que fomenta a criação de grandes comunidades de cabo-verdianos em países da diáspora, como na cidade de Brockton,⁵ EUA.

⁴ Os dados apresentados pelo INE-CV mais recentemente entram em descompasso com o apresentado no relatório da OIM (2010). Segundo o estudo sobre migrações do INE-CV (2014), apenas Cabo Verde contava com apenas 16420 cidadãos emigrados efetivamente.

⁵ Cidade no estado estadunidense de Massachusetts, que conta com uma expressiva comunidade de cabo-verdianos. Cerca de 10% dos 95,630 habitantes de Brockton possuem ancestralidade cabo-verdiana, sendo a cidade com o maior

Ao analisar a emigração cabo-verdiana a partir da ilha de Boa Vista, Lobo (2014), assim como Vasconcelos, discorre sobre a importância da mobilidade para a vida cabo-verdiana, apresentando a migração enquanto um projeto familiar, mesmo que o comprometimento com os que ficam seja diferente entre homens e mulheres. O caso apontado por Lobo (2014) ainda carrega uma especificidade dentro do contexto cabo-verdiano, visto que, na ilha onde a antropóloga realizou o seu trabalho de campo em meados dos anos 2000, as mulheres emigravam muito mais que os homens. Essa feminização dos fluxos emigratórios acabou ganhando força nas últimas décadas, não só em Cabo Verde, mas também em outros países do Sul global, no que algumas autoras vêm apontando como globalização dos cuidados e dos afetos (LISBOA, 2007), o que vai em contraste com a masculinização das diásporas observada por Clifford (1999) no início das mesmas.

Nesse contexto, é importante ressaltar que não apenas a questão econômica determina os fluxos emigratórios de mulheres cabo-verdianas. Como apontam Braz Dias (2000), para a ilha de Santiago, e Assis (2007), para o caso de Criciúma/SC, algumas

mulheres – e suas famílias – enxergam na emigração a oportunidade de acabar com relacionamentos abusivos ou indesejáveis por parte dos familiares. No mesmo caminho, as mulheres podem emigrar a fim de atingir níveis de emancipação – econômica, social e política – que elas não chegariam a ter em sua terra natal, o que pode postergar ou até impedir o retorno, mesmo que o desejo de o realizar apareça na vida dessas mulheres (FORTES, 2016).

Embora o trânsito de pessoas cuja finalidade é permanecer no país de chegada tenha centralidade no que diz respeito à emigração, há outros fluxos que funcionam paralelamente a este, como, por exemplo, o de produtos enviados pelos e para os parentes emigrados (DEFREYNE, 2016; LOBO, 2014), o de remessas de dinheiro por quem está no exterior (BRAZ DIAS, 2000; LOBO, 2014) e o de mulheres que vão para outros países comprar produtos que abastecerão parte do comércio cabo-verdiano (GRASSI, 2003; LOBO, 2012; VENANCIO, 2017). É sobre esse último fluxo que nos desdobraremos na próxima sessão.

nível nos EUA. Fonte: <http://www.epodunk.com/ancestry/Cape-Verdean.html> acessado em 10.07.17.

A confluência da diáspora cabo-verdiana e dos fluxos comerciais

Como apontado, existem outros regimes de circulação que perpassam o país e que vão além do de pessoas, sendo o de produtos um dos mais importantes. Uma vez que a maior parte dos itens que abastece o mercado cabo-verdiano e/ou chega às casas dos habitantes do arquipélago Cabo Verde vêm do exterior,⁶ muitos grupos se envolvem nesse processo de fomento de bens para consumo no país. Todavia, um grupo se distingue devido as particularidades do seu fluxo, o das mulheres que fazem viagens regulares para outros países para abastecer suas boutiques.

Dentro desse grupo, um fator que logo chama a atenção de quem o vê pela primeira vez é a predominância de mulheres na vida comercial mindelense – embora os trabalhos acerca do comércio em Cabo Verde já atestem esse fator também para outras ilhas.⁷ O domínio do comércio local pelas mulheres está bem representado nos dados estatísticos: em uma lista que conta com 473 profissões

⁶ A forte demanda por produtos importados faz com que a balança comercial cabo-verdiana siga um padrão deficitário, como pode ser visto em <https://pt.tradingeconomics.com/cape-verde/balance-of-trade> (acesso em 19/05/2018).

⁷ Sobre o assunto, ver Fortes (2015), Grassi (2003), Lobo (2012), Muniz (2008), Pólvara (2013) e Silva (2012).

apresentada no documento “Cabo Verde em números”, cinco correspondiam aos trabalhos realizados dentro do âmbito das práticas comerciais - vendedor em quiosque e em mercado; vendedor ambulante de produtos alimentares; comerciante de loja (estabelecimentos); encarregado de lojas (estabelecimentos); e vendedor em loja (estabelecimentos). Essas cinco categorias representam 6822 pessoas envolvidas com comércio no país inteiro, sendo o número de mulheres 4 vezes maior que o de homens.⁸

As mulheres estavam presentes no comando das atividades, sendo raros os estabelecimentos que eram chefiados por homens cabo-verdianos. Elas dominam o comércio não apenas no ramo dos gêneros alimentícios, como hortaliças e peixes, mas também nas boutiques, as lojas onde revendem produtos adquiridos no exterior.

Há uma variedade de termos cunhados para se referir ao trabalho que essas mulheres desempenham, como importadoras internacionais, empresárias, entre outros. Todavia, um termo com maior difusão na ilha de Santiago, frente à de São Vicente, explicita bem a diversidade de itens que podem ser vendidos por essas

⁸ Informações extraídas do documento Cabo Verde em números (INE, s.d.). Infelizmente não existiam dados relativos à quantidade de pessoas que trabalham com comércio apenas no concelho de São Vicente.

mulheres, que é *rabidante*. Essa palavra de origem crioula pode designar

1. vendedoras eventuais que, a depender do contexto e da necessidade, expõe produtos na calçada de suas casas para dali obterem um dinheiro extra; 2. comerciantes que vendem em feiras, mercados, ou mesmo em um ponto fixo na rua, mas que não viajam para adquirir os produtos da venda; 3. mulheres que realizam viagens regulares para outros países e que vendem no mercado local, em estabelecimentos próprios ou para terceiros (LOBO, 2012, p. 321).

Ainda, de acordo com Grassi (2003), podemos compreender *rabidantes* enquanto

mulheres e homens que fazem negócios no espaço de mercado a que a ciência econômica chama setor informal. Informações recolhidas no terreno esclareceram que o nome significa, em crioulo de Cabo Verde, “dar a volta”, “desenrascar-se”, e é utilizado para indicar alguém que é muito hábil a convencer os outros (*rabida bô*, o que “engana” o outro) (pp. 23-4).

Embora o uso do termo não tenha a mesma aderência na cidade de Mindelo, a etimologia apresentada expressa bem a ideia de movimento que perpassa as ações que essas mulheres desenvolvem no âmbito do trabalho, sem muita diferenciação de uma ilha para outra.

A ideia construída sobre a profissão é dotada também de uma certa expertise, combinada com a circulação, sendo compreendida

como “são pessoas que têm mais conhecimento, sempre conhecem todo lugar, que vão buscar coisas lá fora para vender cá” (VENANCIO, 2018:34). Ainda, algumas vezes elas são comparadas com as sacoleiras brasileiras, principalmente quando o destino de compras delas é o Brasil. A comparação das *rabidantes*⁹ com as sacoleiras internacionais¹⁰ acontece por não existir um termo melhor no português brasileiro para expressar o trabalho que elas desempenham e, comparativamente, o comércio transfronteiriço de altas quantidades de produtos é algo que elas possuem em comum.

Todavia, o fenômeno de ir para outros países buscar produtos para revenda não é algo restrito ao contexto cabo-verdiano, mas sim uma prática rotineira dentro do cenário de globalização popular, que é construída justamente a partir desses centros de comércio, viagens e fluxos desenvolvidos pelas e pelos comerciantes, embora cada caso seja dotado de suas especificidades (RIBEIRO, 2010, p. 31). Contudo, o que singulariza a circulação internacional das cabo-

⁹ Devido à controversa adesão ao termo entre as mulheres em Mindelo (cf. VENANCIO, 2018), farei uso de comerciante para designar o conjunto de mulheres supracitado a partir deste ponto do trabalho.

¹⁰ A comparação entre os dois já aconteceu na mídia brasileira, como em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2907200420.htm> acesso em 02 de agosto de 2017.

verdianas, tendo como foco o comércio, em comparação com outras, como a brasileira, é a confluência das redes comerciais tecidas por elas com os fluxos emigratórios que partem de Cabo Verde.



Figura 1- Principais rotas das comerciantes de Mindelo

Como aponta a Figura 1, as rotas mais frequentes traçadas pelas comerciantes são Portugal, Itália, Estados Unidos, Brasil, Canárias e Senegal, enquanto Luxemburgo, Bélgica, Alemanha, Guiné Bissau, Holanda, França e Inglaterra são destinos menos frequentes, mas também utilizados pelas comerciantes. Dentre esses

países, apenas o Brasil, Canárias, Alemanha e Inglaterra são destinos menos frequentes de migração laboral, enquanto o primeiro é um importante receptor de estudantes cabo-verdianos em suas universidades.

O fluxo desenvolvido pelas comerciantes cabo-verdianas muitas vezes é visto como alternativa à impossibilidade de realizar o projeto emigratório, uma vez que garante às suas participantes uma certa mobilidade internacional, que a emigração forneceria a quem se aventura e consegue se manter nela, ao mesmo tempo que é um afastamento com menor durabilidade que a emigração em si.

Mesmo que a ideia de saídas rotineiras do país possa ajudar a atrair as pessoas para esse ramo, creio que é errôneo conceder a ela todo o crédito da entrada das donas das boutiques no negócio, como fazem Haugen e Carling, ao pontuarem que “as boutiques são geridas exclusivamente por mulheres, e muitas delas não dependem do lucro de suas lojas, mas são motivadas pela perspectiva das frequentes viagens para comprar os itens”¹¹ (2005, p. 648). Apesar de a pesquisa de campo do casal ter sido realizada há mais de uma

¹¹ Tradução do autor para, “the boutiques are run exclusively by women, many of whom do not depend on the income from their shop but are motivated by the prospect of frequent travel to purchase goods” (HAUGEN e CARLING, 2005:648).

década, muitas das comerciantes por mim entrevistadas já exerciam esse tipo de profissão nesse período e mostraram um cenário contrário do apontado pelos autores, onde a maioria das mulheres dependia dos recursos das boutiques para sustento de suas famílias.

Ainda, é raro começar o negócio já dentro de sua boutique. É um trabalho progressivo, que muitas vezes tem início na casa das próprias comerciantes, até que elas consigam o dinheiro para alugar ou comprar os estabelecimentos, assim como pode depender da ajuda de parentes emigrados, tanto para envio de itens que serão vendidos nas ilhas, ou mesmo para possibilitar a permanência delas nos países de destino para compra dos produtos de forma menos onerosa financeiramente.

Para exemplificar os vínculos entre a emigração cabo-verdiana e a vida comercial, trarei a história de vida de três moradoras da ilha de São Vicente que, mesmo com suas diferentes experiências em relação à migração, acabaram no mesmo ramo, o comércio transnacional, que será melhor compreendido.

Mulheres e(m) fluxos

Como apontado, as ligações entre os fluxos emigratórios e os comerciais podem ir para além da simples não-possibilidade de sair do país. Muitas mulheres entram nesse ramo por ser uma atividade que facilita o vínculo entre o mundo doméstico e o do trabalho, tendo em vista que muitas delas começam o seu negócio na própria casa, reflexo da centralidade feminina na vida doméstica no país, ou mesmo por ser a família a primeira (e contínua) fonte de mercadoria para revenda.

Nas mais diferentes histórias e trajetórias de vida que me deparei ao decorrer da realização do meu trabalho de campo que visava primariamente entender a relação entre as práticas comerciais transnacionais na cidade de Mindelo e a estrutura familiar de tal localidade, algumas delas me chamaram a atenção pela estreita relação com a emigração, tão forte no contexto cabo-verdiano, embora cada uma a sua maneira. Vejamos os casos.

O comércio apoiado na emigração de parentes

Júlia,¹² a mais jovem comerciante dentre as que conheci, que na época tinha 33 anos, contou que começou a trabalhar com comércio há 15 anos, quando engravidou do namorado que tinha na época. Por conta da gravidez, foi expulsa da escola, não podendo concluir os estudos, e quase foi colocada para fora de casa pelo seu pai. Vendo a situação delicada que tomava forma, sua mãe, que na época já estava emigrada nos Estados Unidos, viu como estratégia para viabilizar o sustento de filha o início de sua vida no comércio. Assim, enviou-lhe dois *bidões*¹³. A partir desse estímulo inicial dado por sua mãe, o negócio foi crescendo e, em 2007, ela conseguiu garantir os recursos para realizar a sua primeira viagem com o objetivo de comprar produtos que abasteceriam sua loja. Todavia, sua mãe nunca deixou de lhe enviar os *bidões*, já que, segundo a moça, o forte de sua boutique são os produtos estadunidenses. Na época, sua mãe costumava enviar cinco ou seis *bidões* por vez e, por

isso, a loja estava abarrotada de produtos, mesmo que o início do ano, época da pesquisa, seja um período marcado pela queda nas vendas.

Para além da manutenção dos laços familiares na construção da família à distância, os *bidões* assumem certo grau de importância no comércio em Mindelo, uma vez que, em função da crise econômica que Cabo Verde vem enfrentando nos últimos anos, são eles que estão permitindo a continuidade de muitos negócios. Júlia, que reduziu pela metade o número de viagens que realizava, continua com a sua boutique cheia de mercadorias graças às remessas enviadas por sua mãe, que vive em Brockton.

O comércio como alternativa para emigração

Aos 17 anos, Clementina, então mãe de uma menina de 2 anos, viu na emigração para Itália a forma de prover um futuro melhor para as duas. Na ausência de sua mãe, que na altura também estava emigrada no mesmo destino e que, idealmente, seria a pessoa com quem ela poderia contar para deixar a filha (cf. LOBO, 2014), Clementina conseguiu auxílio do pai de sua filha e da avó paterna

¹² Os nomes das interlocutoras foram alterados a fim de preservar sua privacidade.

¹³ Os *bidões* são “tambores repletos de artigos enviados por emigrantes aos familiares que ficaram nas ilhas e que se constitui em um negócio familiar que envolve pontas distantes de um campo social que se alimenta do ir e vir de coisas e afetos” (LOBO e VENANCIO, 2017, no prelo).

para que eles *aguentassem*¹⁴ a criança. As avós ganham centralidade nesse jogo de cuidados porque,

se a filha fica grávida, então fica morando na casa da mãe. Se ela sai para onde quer que for, os filhos ficam com a avó. É sempre a avó, até hoje ainda é assim, a vó que ajuda, que fica com os netos, quando a filha não tem trabalho e o que comer é a avó que ajuda, que faz todas essas coisas assim, a mãe da mãe (Trecho da entrevista realizada com Clementina em fevereiro de 2017).

Assim como em alguns casos apresentados por Lobo (2014), Clementina aponta que a possibilidade de construir essa rede de apoio que contava com a família paterna da filha de Clementina deve ser lida pela ótica da sorte, uma vez que para ela “os cabo-verdianos fazem muitos filhos e o pai não assume, às vezes nem dão o nome para o próprio filho, são poucos que assumem”.

Já na Itália, tendo garantido apoio financeiro e afetivo para a criação de sua filha por parte do seu *pai-de-filha*¹⁵, com quem dividiu todas as despesas provenientes da criança, Clementina trabalhou como babá e em agências de limpeza, cuidando da faxina de hotéis e albergues, até que conheceu o seu ex-marido, um

italiano, com quem ficou casada por 20 anos. Após se casar com ele, parou de trabalhar e começou a se dedicar aos estudos, concluindo o ciclo básico de educação e realizando cursos de datilografia e informática, além de ter tirado a licença de motorista. Após quase 30 anos na Itália e já divorciada, Clementina, decidiu retornar para Mindelo, sua terra natal e onde administrava à distância uma boutique, que só contava com produtos italianos. Para complementar a sua renda doméstica e se garantir financeiramente abre um bar-restaurante.

Pode-se dizer que Clementina foi uma emigrante de sucesso por ter conseguido construir a sua casa, sinal de êxito para quem emigra, e, ainda, por ter adquirido um passaporte italiano, que possibilita e facilita a sua entrada e permanência na Europa, e, entre outros fatores, minimiza os custos com visto que as viagens para comprar mercadoria demandam.

Enquanto a história de Clementina é marcada pelo que a literatura sobre migrações aponta como projeto migratório exitoso, devido à garantia de uma casa e da livre circulação em território europeu, a história de Célia, 50 anos, segue a direção contrária. Célia começou as viagens transfronteiriças para países tais quais Portugal,

¹⁴ Lobo (2014) apresenta, a partir da ilha da Boa Vista, a ideia de *aguentar* as crianças como análoga a ajudar a criar.

¹⁵ Termo que designa os homens com quem as mulheres têm filhos, sem a garantia de um relacionamento sério, mas que, ainda assim, pode ser usado para definir o atual companheiro delas (Lobo, 2014).

Brasil, Senegal e Estados Unidos há 15 anos, embora tenha começado a trabalhar com comércio dois anos antes. Antes de trabalhar com comércio emigrou três vezes diferentes – por um ano e seis meses para Holanda, 9 meses em Luxemburgo e na França por 3 meses –, mas todas elas “fracassaram”, ou seja, ela não conseguiu se fixar por tempo suficiente para garantir coisas que dão status aos emigrantes, como a aposentadoria ou a construção de uma casa.

O insucesso de suas tentativas de emigração é atribuído por ela ao fato de que seus filhos eram pequenos e não se adaptaram muito bem à convivência com os parentes que cuidavam deles. Um problema encontrado por Célia para concretizar as suas tentativas de emigração foi o fato de que suas duas irmãs não estavam lá em Cabo Verde, reduzindo a possibilidade de parentes que poderiam *aguentar* os seus filhos. Ao se fixar definitivamente em Cabo Verde, viu no comércio a possibilidade de garantir o sustento doméstico como alternativa ao projeto migratório que não deu certo.

As histórias apresentadas mostram como o comércio desenvolvido por mulheres cabo-verdianas muitas vezes acaba por se cruzar com as histórias de emigração, tão marcantes no

arquipélago. Enquanto a entrada na vida comercial por parte de Júlia se dá justamente porque sua mãe está emigrada e, assim, tem a possibilidade de lhe enviar remessas para que ela dê início ao seu comércio, a inserção de Clementina e Célia ocorre justamente pelo fim do processo de emigração. Embora as histórias das duas últimas tenham seguido rumos diferentes, elas findam no mesmo ponto: na realização de comércio transnacional. Ao contrário do processo desenvolvido por elas, enquanto lá estive, Júlia dava entrada na solicitação de visto estadunidense, o que iniciaria sua vida como emigrante, seguindo esse destino tão comum aos cabo-verdianos.

Várias são as causalidades que podemos apontar para a entrada dessas mulheres na vida comercial. Para além da necessidade de garantir o sustento de suas famílias, podemos compreender a opção delas por esse tipo de atividade econômica devido a alguns fatores, tais como a maior liberdade de circulação, como já apontado para o caso de Clementina, assim como por possibilitar transitar com maior liberdade entre os âmbitos da casa e do comércio, algo de suma importância para todas as mulheres com quem conversei durante o período de trabalho de campo. Não à toa, a loja de Célia ficava na garagem de uma casa e o bar-restaurant de

Clementina funcionava no que, outrora, deveria ser a sala e a cozinha de sua casa. Ser a própria chefe e poder levar os filhos para o trabalho, assim como empregá-los em momento de necessidade, são fatores que fazem com que esse ramo seja tão atrativo para as mulheres cabo-verdianas.

Não podendo mais fazer parte em sua integralidade da diáspora cabo-verdiana, elas assumem um papel que também pertence aos que emigraram, o de serem cosmopolitas. Segundo Hannerz, ser cosmopolita “comporta uma atitude intelectual e estética aberta as experiências culturais divergentes, uma busca maior por contrastes do que por uniformidade. Uma predisposição para se abrir caminho em outras culturas, escutando, observando intuindo e refletindo” (1998:168).

O caráter cosmopolita dessas mulheres é marcado pela circulação entre lugares diferentes, o que as torna conhecedoras de realidades e saberes outros, que, mesmo com o intenso advento das tecnologias de informação, quem não possui a mesma circulação que elas em Mindelo não os detêm. A elas cabe saber o que está na moda no exterior, mesmo que muitas vezes elas estejam apenas ressignificado positivamente o valor de bens por meio da origem que

eles têm,¹⁶ mesmo que eles não sejam de alta qualidade ou sejam produtos de coleções passadas (ou seja, “saíram de moda”).

O meu intuito ao apresentar essas três histórias é mostrar como a ideia de circulação de pessoas, bens e informações, que ganhou força dentro da diáspora cabo-verdiana, embora seja anterior ao processo diaspórico que marca o arquipélago, marca as vidas da população do arquipélago, até mesmo de quem já realizou o tão sonhado projeto migratório, tendo ele sido concluído com sucesso ou não. A mobilidade é o desejo tanto de quem ainda não a pôs em prática, quanto o de quem já a realizou, uma vez que não se pode estagnar, com o receio de voltar a ser o que era antes, mesmo que as comunidades diaspóricas em si não permitam que nada seja como era antes (HALL, 2009).

Considerações finais

Ao longo desse artigo, pretendi, a partir da conceituação do termo diáspora, compreender a sua aplicação no caso cabo-verdiano e a forma como o país, inserido nessa prática diaspórica, a replica

¹⁶ A discussão sobre a ressignificação da mercadoria por elas vendida foi realizada com maior atenção em Venancio (2017).

em outros âmbitos da vida que não são marcados diretamente pela emigração. Nesse contexto, vale retomar a noção de movimento como intrínseca ao ser cabo-verdiano (LOBO, 2016; VASCONCELOS, 2012), dando foco especial à como ela se dá na vida das mulheres que, apesar de já terem emigrado, retornaram à sua terra natal e hoje trabalham com atividades que estão intimamente ligadas aos fluxos emigratórios por elas anteriormente desenvolvidos, ou mesmo são influenciadas por essa intensa circulação de bens, informações e pessoas e a transformam, também, em sua fonte de renda.

Assim, não fazendo (mais) parte do projeto migratório, elas encontram no comércio a forma de possibilitar a mobilidade para fora do pequeno arquipélago, mobilidade essa atrelada à possibilidade de se manter próxima à sua casa, devido a centralidade feminina no âmbito doméstico que demanda a presença delas no contexto doméstico, mesmo que essa presença seja marcada pela distância e envio de remessas, como no caso analisado por Lobo (2014).

Por elas terem sido impactadas, direta ou indiretamente, pela força da diáspora cabo-verdiana, elas precisam pôr em agência a

capacidade de movimentar-se que a elas foi conferida, não podendo jamais parar, tendo em vista que estar parado é uma péssima situação. Ao mesmo tempo, as que já tiveram a possibilidade de emigrar não podem deixar que compreendam o retorno o seu retorno como uma regressão. Assim, o comércio e sua mobilidade conferem a elas a continuidade da circulação entre mundos.

Dentro do contexto diaspórico em que “os fluxos não regulados de povos e culturas são tão amplos e tão irrefreáveis quanto os fluxos patrocinados do capital e da tecnologia” (HALL, 2009:45), essas mulheres contribuem para a intensificação e maior continuidade do fluxo de informações e mercadorias, colocando, mais uma vez, Cabo Verde no centro das trocas que perpassam o Atlântico. Com isso, elas acabam por atrelar ainda mais os âmbitos global e o local, assumindo o papel de cosmopolitas postulado por Hannerz (1998). Dado esses fatores, chegamos ao ponto chave desse artigo, que é mostrar que essas mulheres não apenas se põem em fluxo, aproveitando os que já existem, mas também colocam os diferentes mundos em diálogo, circulando valores de e entre as localidades que elas frequentam.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Gláucia. 2007. “Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional”, *Revista Estudos Feministas*, 15(3): 745-772.

BRAZ DIAS, Juliana. *Entre Partidas e Regressos: tecendo relações familiares em Cabo Verde*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, 2000. 211f.

CLIFFORD, James. 1999. “Las Diásporas” In *Itinerarios transculturales*. Editorial Gedisa, pp. 299-442.

DEFRAYNE, Elisabeth. *Au rythme des tambor. Ethnographie des mobilités des “gens de Santo Antão” (Cap-Vert, Belgique, Luxembourg)*. 333f. Thèse présentée en vue de l’obtention du grade de Docteur en Sciences Politiques et Sociales: Anthropologie, 2016.

FORTES, Celeste. 2015 “As vendadeiras de Cabo Verde: circulação de produtos, informalidade e mulheres no espaço público de Cabo Verde”. In José Rogério Lopes (Org). *Visagens de Cabo Verde: Ensaios de Antropologia Visual e outros ensaios*. Brasil. Editora Cirkula, pp.101-121.

_____. 2016. ““Regressar é regredir”: estudantes cabo-verdianas em Lisboa e discursos sobre os projectos de retorno a Cabo Verde” In Évora, Iolanda. *Diáspora Cabo-verdiana. Temas em debate*. pp. 88-105.

GILROY, Paul. 2001. *O Atlântico Negro*. São Paulo: Editora 34. 427f.

GRASSI, Marzia. *Rabidantes: comércio espontâneo transnacional em Cabo Verde*. Instituto de Ciências Sociais e Spleen Edições. 2003. 354f.

FOLHA DE SÃO PAULO. Presidente quer regularizar os “rabidantes”.
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2907200420.htm> Acesso em 02 de agosto de 2017.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2005. Rio de Janeiro: DP&A.

_____. *Da Diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, pp. 25-48. 2009.

HANNERZ, Ulf. 1998. “Cosmopolitas y locales em la cultura mundial”. In: *Conexiones transnacionales. Cultura, gente, lugares*. Madrid: Ediciones Cátedra, pp. 165-180

INE, s.d. “RGPH 2010 – Cabo Verde em Números”. Disponível em: <http://ine.cv/quadros/rgph-2010-cabo-verde-em-numeros/>

INE-CV, 2014. Inquérito Multiobjectivo Contínuo - 2014. Estatística das migrações. Disponível em: http://ine.cv/wp-content/uploads/2016/10/Migracoes2014_Rev1.pdf

LAURENT, Pierre-Joseph. “Famílias sob influência de leis migratórias dos países de acolhida: comparação das migrações cabo-verdianas nos Estados Unidos e na Itália”. In: Lobo, Andréa & Braz Dias, Juliana. *Mundos em circulação: perspectivas sobre Cabo*

Verde. Brasília: ABA Publicações; LetrasLivres/Cidade da Praia: Edições Uni-CV, 2016.

LISBOA, Teresa. “Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência”, *Estudos Feministas*, 15(3): 805-821, 2007.

LOBO, Andréa de Souza. “Negociando pelo mundo: as rabidantes cabo-verdianas e suas rotas comerciais.” In: Wilson Trajano Filho. (Org.). *Travessias Antropológicas: estudos em contextos africanos*. 1ed. Brasília: ABA Publicações, 2012, v. 1, p. 317-338.

_____. *Tão Longe Tão Perto. Famílias e “movimentos” na ilha da Boa Vista de Cabo Verde*. Revised ed. E-Book. Brasília: ABA Publicações, 2014.

_____. “Seguindo famílias em movimento: reflexões sobre os desafios da pesquisa etnográfica em contextos de mobilidade”. In Lobo, A. e Braz Dias, J. (orgs.) *Mundos em circulação: perspectivas sobre Cabo Verde*. Brasília: ABA Publicações, pp. 111-136, 2016.

LOBO, Andréa; VENANCIO, Vinícius. 2017. “Com parente se negocia? Redes migratórias e o comércio transnacional em Cabo Verde”. *Revista Cadernos de Campo*. n. 23. No prelo.

MUNIZ, Antônio Walber Matias. *Tributação e comércio internacional informal: estudo das relações Cabo Verde/Ceará*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Direito Constitucional, Universidade de Fortaleza, 2008. 108f.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DAS MIGRAÇÕES (OIM), 2010. Migração em Cabo Verde - Perfil Nacional 2009.

PÓLVORA, Jacqueline Britto. “Cidades informais: o caso da cidade de Praia.” *Revista Ciências Sociais Unisinos*, v. 49, p. 97-103, 2013.

RIBEIRO, Gustavo Lins. “A Globalização Popular e o Sistema Mundial Não-hegemônico.” *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, p. 21-38, 2010.

SAYAD, Abdelmalek. 1998. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp.

SILVA, Tatiana R. R. *A arte de comerciar: gênero, identidades e emancipação feminina no comércio transatlântico das rabidantes em cabo-verdianas*. Tese de Doutorado. Centro de Estudos Afro-Orientais, Universidade Federal da Bahia, 2012.

TRADING ECONOMICS. *Cabo Verde- Balança Comercial*. Disponível em <https://pt.tradingeconomics.com/cape-verde/balance-of-trade> acesso em 19 de maio de 2018.

TRAJANO FILHO, Wilson. “A Sociabilidade da Diáspora: o retorno.” *Série Antropologia*, Brasília, n.380, p. 1-27, 2005.

_____. 2016. “O quão frágeis são os valores modernos: o fratricídio em Germano Almeida” In Lobo, A. e Braz Dias, J. (orgs.) *Mundos em circulação: perspectivas sobre Cabo Verde*. Brasília: ABA Publicações, pp. 29-46.

_____. 2018 “Influence and Borrowing: Reflections on Decreolization and Pidginization of Cultures and Societies”, In Knörr, J. e W. Trajano Filho (eds.), *Creolization and Pidginization in Contexts of Postcolonial Diversity*. Leiden/Boston: Brill. p. 334 – 359.

VASCONCELOS, João. Manera, ess muv?l: a mobilidade como valor em São Vicente de Cabo Verde. In: BRAZ DIAS, Juliana, LOBO, Andréa de Souza (orgs.). *África em Movimento*. Brasília: ABA Publicações, 2012.

VENANCIO, Vinícius. *“Compra ali, vende aqui”*: Comércio transnacional e relações familiares em Mindelo - Cabo Verde. Monografia de Graduação, Departamento de Antropologia. Brasília: UnB, 2017. 121f.